

DESTINO DAS EXPORTAÇÕES AGRÍCOLAS BRASILEIRAS¹

César Roberto Leite da Silva²

Maria Auxiliadora de Carvalho³

1 - INTRODUÇÃO

Depender da agricultura como fonte de divisas é uma característica da economia brasileira que remonta aos primórdios de sua formação. Atualmente, já não predominam produtos básicos na pauta de exportação, mas sob maior liberdade de comércio, a agricultura recuperou importância relativa nas trocas internacionais brasileiras, até porque é o setor que tradicionalmente apresenta maiores vantagens comparativas⁴. É também o setor mais sujeito ao protecionismo dos países ricos, o que tem levado à necessidade de conquista de novos mercados.

Este trabalho foi desenvolvido com o propósito de apresentar as mudanças ocorridas no destino das exportações agrícolas brasileiras no período 1990-2002⁵. Na primeira parte, ele trata das tendências gerais do comércio, com destaque para as diferenças entre países mais ricos e os menos desenvolvidos quanto às trocas internacionais. A parte seguinte discute a experiência brasileira, ressaltando os principais componentes de suas exportações, bem como seus maiores importadores, para o agregado e para os grupos de produtos agrícolas que mais contribuem para a geração de divisas.

¹Este trabalho faz parte da pesquisa NRP676, cadastrada no Sistema de Informações Gerenciais dos Agronegócios (SIGA). Os autores agradecem ao pesquisador Arthur Antonio Ghilardi a leitura minuciosa deste trabalho e os comentários e sugestões.

²Economista, Doutor, Pesquisador Científico do Instituto de Economia Agrícola.

³Engenheira Agrônoma, Doutora, Pesquisadora Científica do Instituto de Economia Agrícola.

⁴O comércio exterior brasileiro vem mostrando tendência de crescimento de exportações de produtos básicos e de importações de manufaturados, tendência observada no total do comércio brasileiro, mas principalmente na agricultura (CARVALHO; VICENTE; SILVA, 2003).

⁵Neste trabalho foi adotado o conceito de produtos agrícolas da FAO (Food and Agriculture Organization) que engloba a produção *in natura* e industrializada (FAOSTAT database, 2003).

2 - TENDÊNCIAS GERAIS DO COMÉRCIO

O comércio mundial total cresceu à taxa média de 6,0% a.a. na década passada, enquanto o crescimento do comércio agrícola foi de cerca de 2,0% a.a., daí se conclui que a agricultura perdeu importância relativa nas trocas internacionais: contribuía com cerca de 9,6% do comércio mundial no início da década de 1990 e passou a representar 7,0% no começo da década seguinte⁶.

Os países mais desenvolvidos, congregados sob a Organização de Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que representa mais de 70% do comércio internacional total, vêm perdendo *market-share*. Suas exportações totais cresceram à taxa anual de 5,2% no período 1990-2001, enquanto os demais países, não pertencentes a esta organização, tiveram crescimento das exportações da ordem de 8% a.a. (Tabela 1).

Na última década as importações totais dos países da OCDE cresceram à taxa maior que as exportações, 5,6% contra 5,2%, respectivamente. No entanto, quando se considera apenas o conjunto dos produtos agrícolas o resultado é oposto: as exportações cresceram mais (2,0% a.a.) que as importações (1,7% a.a.). Como a maioria dos países menos desenvolvidos tem vantagens comparativas no comércio desses produtos, o crescimento de suas exportações à taxa de 3,0% a.a. só foi possível devido à maior expansão dos próprios mercados⁷.

O Brasil foi um dos que contribuiu para esse resultado: suas importações agrícolas cres-

⁶Esses percentuais foram extraídos das informações de valor do comércio, compiladas pela FAO. Disponível em: <<http://www.fao.org>>.

⁷Parte da explicação se deve à vigorosa resistência dos países desenvolvidos contra qualquer proposta de redução de suas políticas protecionistas. Outra causa é o crescimento econômico mais acelerado das nações em desenvolvimento (PINSTRUP-ANDERSEN; PANDYALORCH; ROSEGRANT, 2000; CRANFIELD et al. 1998).

TABELA 1 - Taxa Anual de Crescimento do Comércio Agrícola e Total entre 1990-2001¹
(em porcentagem)

País	Agrícola		Total	
	Importação	Exportação	Importação	Exportação
Brasil	5,1	5,7	10,8	5,6
OCDE	1,7	2,0	5,6	5,2
Outros ²	2,8	3,0	6,8	8,0
Mundo	2,0	2,3	5,9	6,0

¹Comparação entre as médias dos triênios 1990-92 e 1999-01.

²Exclusive OCDE.

Fonte: FAOSTAT database (2003).

ceram 5,1% a.a. no período. De um modo geral, o País perdeu competitividade nas trocas internacionais na última década, mesmo quando comparado aos outros em desenvolvimento. O crescimento do total de suas importações foi de 10,8% a.a., muito acima da média observada para os países não pertencentes à OCDE (6,8% a.a.). Suas exportações, ao contrário, cresceram menos que a média desse grupo de países: 5,6% a.a. contra 8% a.a.

Parte do crescimento da produção agrícola se deve à evolução favorável das trocas internacionais. Este tópico apresenta o destino das exportações agrícolas brasileiras na última década indicando que houve alterações significativas e conquista de novos mercados. A análise foi centrada nos capítulos da Nomenclatura Comum do MERCOSUL (NCM), que congregam os principais produtos agrícolas, *in natura* ou processados, quais sejam NCM 01 a 24 e 50 a 53.

3 - A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA

A partir de meados dos anos 90s a agricultura brasileira recuperou importância relativa na economia nacional. Pelos dados do IPEA, entre o primeiro trimestre de 1991 e o primeiro de 1998, o Brasil apresentou taxa de crescimento do PIB da ordem de 0,79% a.t., enquanto o setor agrícola teve crescimento um pouco menor (0,69% a.t.). Daí em diante, até o segundo trimestre de 2003, as taxas de crescimento foram de 0,38% a.t. e 1,11% a.t., respectivamente⁸. Tomando por base a média de 1998 (1998 = 100) pode-se observar que o índice do PIB total atingiu o máximo de 110 no último trimestre de 2002, enquanto o PIB agrícola registrava 125, evoluindo para o máximo de 130 no trimestre seguinte (Figura 1).

⁸Resultados obtidos a partir de regressão log-linear sobre os índices do PIB total e agrícola dessazonalizados. O teste da diferença dos coeficientes entre o primeiro e o segundo subperíodos resultou significativo ao nível de 1% para as duas séries. No primeiro, a diferença entre os coeficientes estimados para o PIB total e agrícola é significativa ao nível de 10%, mas no período 1998-2003, o nível de significância da diferença é de 1%. A escolha de 1998 como base do índice se deve ao fato de ser o ano em que o setor agrícola passou a crescer mais que a média da economia.

3.1 - Principais Componentes das Exportações Agrícolas

O agregado dos capítulos NCM 01 a 24 e 50 a 53 registrou média de valor exportado no triênio 1990-92 da ordem de US\$9,2 bilhões contra US\$15,9 bilhões na média do triênio 2000-02 e isso significa que, nos últimos dez anos, o valor das exportações agrícolas teve crescimento de 71,6%. Observe-se que esse crescimento foi inferior ao das exportações brasileiras totais que, no mesmo período, cresceram 75,7% (Tabela 2). A vantagem da agricultura é que sempre gera superávits comerciais, enquanto os demais produtos vêm apresentando repetidos déficits desde 1994⁹.

⁹Pelos dados do SECEX/MDIC (2003), elaborados pelo Instituto de Economia Agrícola (IEA), pode-se observar que no início da década de 1990, o conjunto dos produtos do agronegócio apresentava razão entre importações/exportações de 33%, isto é, cerca de 1/3 do valor exportado pelo setor era gasto com importações. Essa razão atingiu o máximo de 56% em 1996, mas caiu para patamar inferior ao do início da década, ficando em 29% em 2002. Quanto aos demais produtos, a razão importações/exportações partiu da média de 83% nos três primeiros anos da década, chegou ao máximo de 168% em 1997 e caiu para 115% em 2002.

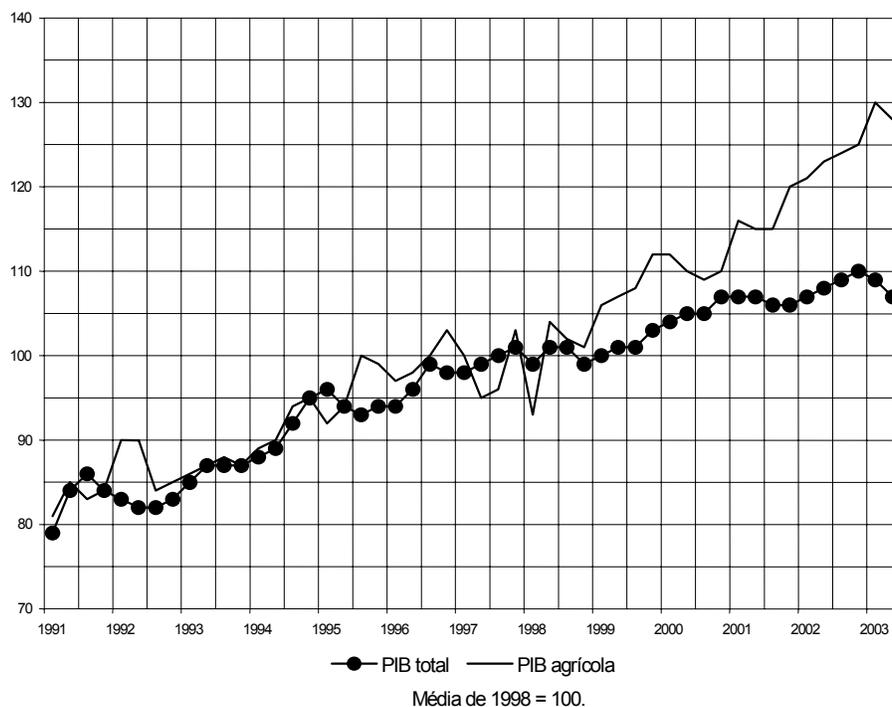


Figura 1 - PIB Total e Agrícola, Brasil, 1991-2003.
Fonte: IPEADATA (2003).

TABELA 2 - Exportações Agrícolas e Total, Brasil, Triênios 1990-92 e 2000-02

Ordem ¹	Código	Descrição do Capítulo NCM	1990-92 ²		2000-02 ²		Variação ³
			US\$1.000	%	US\$1.000	%	
1	12	Sementes e frutos oleaginosos, grãos, sementes, etc.	733.429	7,9	2.679.809	16,9	265,4
2	02	Carnes e miudezas, comestíveis	662.343	7,2	2.303.176	14,5	247,7
3	23	Resíduos e desperdícios das indústrias alimentares, etc.	1.689.034	18,3	2.059.161	13,0	21,9
4	17	Açúcares e produtos de confeitaria	577.567	6,2	1.969.020	12,4	240,9
5	09	Café, chá, mate e especiarias	1.237.355	13,4	1.450.813	9,1	17,3
6	20	Preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc.	1.228.759	13,3	1.064.625	6,7	-13,4
7	24	Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados	807.858	8,7	931.319	5,9	15,3
8	15	Gorduras, óleos e ceras animais ou vegetais, etc.	419.910	4,5	654.906	4,1	56,0
9	21	Preparações alimentícias diversas	173.838	1,9	466.793	2,9	168,5
10	08	Frutas, cascas de cítricos e de melões	224.570	2,4	361.605	2,3	61,0
11	16	Preparações de carne, de peixes ou de crustáceos, etc.	254.609	2,8	359.125	2,3	41,0
12	52	Algodão	411.875	4,5	332.181	2,1	-19,3
13	03	Peixes, crustáceos, moluscos e outs. invertebr. aquáticos	151.949	1,6	277.412	1,7	82,6
14	10	Cereais	2.179	0,0	267.264	1,7	12.163,1
15	18	Cacau e suas preparações	322.699	3,5	181.296	1,1	-43,8
16	22	Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres	82.153	0,9	152.349	1,0	85,4
17	05	Outros produtos de origem animal	30.978	0,3	84.983	0,5	174,3
18	19	Preparações a base de cereais, farinhas, amidos, etc.	8.381	0,1	52.048	0,3	521,1
19	04	Leite e laticínios, ovos de aves, mel natural, etc.	8.855	0,1	46.987	0,3	430,6
20	50	Seda	85.737	0,9	43.331	0,3	-49,5
21	13	Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais	16.290	0,2	30.530	0,2	87,4
22	51	Lã, pelos finos ou grosseiros, fios e tecidos de crina	50.209	0,5	22.862	0,1	-54,5
23	53	Outras fibras têxteis vegetais, fios de papel, etc.	31.854	0,3	20.522	0,1	-35,6
24	07	Produtos hortícolas, plantas, raízes, etc. comestíveis	7.454	0,1	20.516	0,1	175,2
25	06	Plantas vivas e produtos de floricultura	11.029	0,1	13.398	0,1	21,5
26	11	Produtos da indústria de moagem, malte, amidos, etc.	5.015	0,1	11.742	0,1	134,1
27	14	Matérias p/entrancar e outs. prods. de origem vegetal	3.322	0,0	5.652	0,0	70,1
28	01	Animais vivos	7.691	0,1	5.182	0,0	-32,6
		Soma	9.246.944	28,1	15.868.608	27,4	71,6
		Total geral	32.942.394	-	57.890.008	-	75,7

¹Classificação pelo valor médio do triênio 2000-2002.

²Média anual do triênio.

³Variação percentual entre as médias dos triênios 1990-92 e 2000-02.

Fonte: SECEX/MDIC (2003).

Uma das características das exportações brasileiras é sua elevada concentração em poucos produtos. Apenas dois capítulos NCM, quais sejam, sementes e frutos oleaginosos (NCM 12) e carnes e miudezas comestíveis (NCM 02), representam quase 1/3 das suas exportações. Note-se que esses grupos de produtos tiveram suas exportações multiplicadas por 3,5 entre as médias de 1990-92 e 2000-02 (Tabela 2).

O terceiro capítulo em ordem de importância, representando cerca de 13% das exportações agrícolas brasileiras, corresponde aos resíduos e desperdícios das indústrias alimentares (NCM 23). Esse grupo congrega tortas, farelos, *pellets* e outros resíduos destinados à alimentação animal, sendo que farelo e torta de soja são seu principal componente e, na média do triênio 2000-02, contribuíram com 12,4% do valor total das exportações agrícolas brasileiras. Esse capítulo reúne produtos que perderam participação nas exportações brasileiras e o farelo de soja é um deles¹⁰. Ocupava o primeiro lugar entre os produtos agrícolas na média do período 1990-92, com contribuição de 18,3% das exportações, e no final da série passou a representar 13,0%. O valor de suas exportações cresceu apenas 21,9% no período, correspondente a 1/3 da média geral das exportações agrícolas, com crescimento de 71,6% na última década.

Açúcares e produtos de confeitaria (NCM 17), que no início da década de 1990 ocupavam a 7ª posição, com contribuição de 6,2%, passaram à 4ª posição no valor das exportações agrícolas brasileiras (12,4% do total). Em média, nesses dez anos, as exportações cresceram 240,9%.

Café, chá, mate e especiarias (NCM 09) representavam 13,4% das exportações agrícolas brasileiras no início da década passada, correspondendo ao 2º lugar no *ranking* de suas exportações. Dez anos depois esse grupo de produtos decaiu para o 5º lugar, com contribuição de 9,1%, resultado de crescimento equivalente a 24% da média dos produtos agrícolas no período.

¹⁰O menor crescimento das exportações de torta e farelo de soja foi compensado por maiores exportações do produto *in natura*. Isso explica o aumento das exportações do capítulo NCM 12. Uma explicação possível para isso é a Lei Complementar n. 87, de 13 de setembro de 1996, apelidada Lei Kandir, que desonerou do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Prestação de Serviços (ICMS) as exportações de produtos básicos.

Fumo e sucedâneos manufaturados (NCM 24) também decaíram. Da 4ª posição no triênio 1990-02 passaram para a 7ª posição no triênio 2000-02, resultado de crescimento de 15,3% do valor das exportações, equivalente a 21% da média dos produtos agrícolas no período.

Cereais correspondem ao capítulo (NCM 10) que teve maior taxa de crescimento na década de 1990: 12.163,1%. No entanto, como a base de comparação é mínima, mesmo com todo esse crescimento ainda representam bem pouco no valor das exportações agrícolas brasileiras (1,7%), o que coloca esse conjunto de produtos na 14ª posição entre os 28 capítulos considerados.

O mesmo vale para preparações à base de cereais, farinhas, amidos, etc. (NCM 19) e leite e laticínios, ovos, mel, etc. (NCM 04). Na década passada, as exportações desses conjuntos de produtos tiveram crescimento de 521,1% e 430,6%, respectivamente, mas ainda assim, têm pequena expressão como fonte de divisas, ocupando 18º e 19º lugares no *ranking*.

Enquanto houve produtos com crescimento acelerado, muitos reduziram sua participação relativa nas exportações agrícolas brasileiras, uma vez que o valor exportado cresceu menos que a média geral (71,6%). Desses, cabe destacar que sete capítulos tiveram redução das exportações em termos absolutos. Os mais relevantes dessa categoria são: NCM 18 - cacau e suas preparações (-43,8%), NCM 20 - preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc.¹¹ (-13,4%) e NCM 52 - algodão (-19,3%).

A comparação das exportações dos 28 capítulos, que englobam a grande maioria dos produtos agrícolas com o total das exportações brasileiras, mostra que os que perderam participação no valor das exportações superaram os que tiveram expansão: entre 1990-92 esses capítulos correspondiam a 28,1% do total e dez anos depois passaram à participação de 27,4%, indicando certo declínio da importância relativa do setor agrícola como fonte de divisas para o País. No resto do mundo essa tendência foi muito mais acentuada, pois o comércio agrícola cresceu cerca de 1/3 do comércio geral (Tabela 1).

¹¹Suco de laranja concentrado congelado é o principal componente deste grupo e o valor de suas exportações teve redução de 21% na década: de US\$1,138 bilhão por ano entre 1990-92 passou para US\$900,4 milhões por ano entre 2000-02.

3.2 - Principais Destinos das Exportações

Esse tópico analisa inicialmente o destino do agregado das exportações correspondentes aos capítulos NCM 01 a 24 e NCM 50 a 53, que congrega a maior parte dos produtos de origem agrícola. Em seguida, aqueles capítulos que mais contribuíram para a composição do valor das exportações agrícolas têm tratamento isolado, com vistas a identificar, por grupo de produto, os maiores parceiros comerciais do Brasil.

A análise do agregado das exportações mostra que 30 países adquirem 84,0% das exportações agrícolas brasileiras¹². Observa-se, também, que na última década houve grandes mudanças na destinação dessas exportações: o grau de concentração é menor que no passado e o País vem perdendo participação nos mercados dos países mais desenvolvidos, os quais vêm sendo substituídos por outros, que antes tinham participação inexpressiva em seu comércio.

Entre 1990 e 1992 apenas cinco países absorviam cerca de 50% de nossas exportações agrícolas. São eles: Estados Unidos (16,6%), Holanda (15,8%), Alemanha (6,2%), Japão (5,6%) e Itália (5,4%). Na atualidade os cinco primeiros colocados perfazem 37,2% do valor, caracterizando ainda elevada concentração, mas bem inferior à registrada no passado (Tabela 3).

Resultado desse rearranjo: três desses cinco primeiros colocados perderam participação relativa nesse comércio. São eles: Estados Unidos, Holanda e Japão, países que apresentaram crescimento das importações de produtos agrícolas brasileiros inferior à média de crescimento das exportações¹³. O caso mais expressivo é o dos Estados Unidos que, de primeiro colocado como destino dessas exportações no início da década de 1990, com participação de 16,6%, decorridos dez anos, passaram a ocupar o 2º lugar, absorvendo apenas 7,5% do valor, resultado de redução de 20,7% do valor exportado.

No começo da década passada a Holanda ocupava o 2º lugar, adquirindo 16,6% das exportações agrícolas do Brasil. No início do sé-

culo XXI passou a ocupar a 1ª posição, mas mesmo assim perdeu participação no mercado brasileiro, absorvendo agora 12,7% do valor exportado. O caso do Japão é semelhante. Suas importações agrícolas oriundas do Brasil cresceram 46,6%, enquanto o total das exportações agrícolas brasileiras cresceu 71,6%. Com isso passou de 4º para 5º lugar entre os importadores desses produtos brasileiros.

Esses são países da OCDE que, em sua maioria, perderam participação nas exportações agrícolas brasileiras. Aliás, no triênio 1990-92, os nove primeiros colocados como destino desses produtos pertenciam à OCDE e suas importações contribuíam com 68% das divisas oriundas da agricultura. Dez anos depois sua contribuição caiu para 50,5% e apenas a Alemanha teve crescimento da participação, de 6,2% para 6,6%. São eles, por ordem de importância à época: Estados Unidos, Holanda, Alemanha, Japão, Itália, França, Bélgica, Espanha e Reino Unido. Com isso, a participação do conjunto da OCDE nessas exportações caiu de 78% para 60%¹⁴.

Na conquista de novos mercados o Brasil teve desempenho excepcional junto à Federação da Rússia. No início da década de 1990 esse país tinha participação inexpressiva nas exportações brasileiras de produtos agrícolas e, dez anos depois, passou a ocupar a 4ª posição, com 5,7% do total, resultado de crescimento da ordem de 16.210,9%. China e Emirados Árabes Unidos também constituem o destino das exportações que tiveram crescimento notável, 764,1% e 786,9%, respectivamente.

São destacados ainda aqueles que dobraram, ou mesmo triplicaram, suas importações agrícolas oriundas do Brasil, compensando grande parte das perdas no mercado dos países mais desenvolvidos. Entre os vinte maiores importadores encontram-se, por ordem de participação no comércio, Argentina (107,8%), Irã (224,0%), Arábia Saudita (169,9%), Coreia do Sul (229,7%), Hong Kong (216,9%) Egito (118,3%) e Chile (250,5%) (Tabela 3).

Para os sete capítulos NCM que mais se destacaram nas exportações agrícolas brasilei-

¹²No início da década passada os 30 primeiros colocados no *ranking* dos importadores agrícolas do Brasil adquiriram 88% do total.

¹³Vale lembrar que o valor das exportações agrícolas brasileiras, consideradas a partir dos totais dos capítulos NCM 01 a 24 e 50 a 53, teve crescimento de 71,6% entre as médias de 1990-92 e 2000-02.

¹⁴Dentre os primeiros 30 maiores importadores de produtos agrícolas do Brasil encontram-se 3 membros da OCDE que, embora representem pouco como fonte de divisas, merecem destaque pelo crescimento expressivo do valor das importações. São eles: Portugal (185,5%), Austrália (320,7%) e Noruega (215,6%).

TABELA 3 - Exportações Agrícolas por País de Destino, Brasil, Triênios 1990-92 e 2000-02

Ordem	Destino	1990-92 ¹		2000-02 ¹		Variação ²
		Simple	Acumulada	Simple	Acumulada	
1	Holanda	15,8	15,8	12,7	12,7	40,6
2	Estados Unidos	16,6	32,3	7,5	20,2	-20,7
3	Alemanha	6,2	38,5	6,6	26,8	86,0
4	Federação da Rússia	0,1	38,6	5,7	32,5	16.210,9
5	Japão	5,6	44,2	4,7	37,2	46,6
6	China	0,9	45,1	4,5	41,7	764,1
7	França	4,8	49,9	4,3	46,0	57,3
8	Bélgica	4,7	54,6	4,3	50,3	60,3
9	Reino Unido	4,1	58,7	3,7	54,0	56,8
10	Espanha	4,6	63,3	3,5	57,5	31,3
11	Itália	5,4	68,7	3,2	60,7	5,0
12	Argentina	2,2	70,8	2,6	63,3	107,8
13	Irã	1,2	72,1	2,3	65,5	224,0
14	Arábia Saudita	1,4	73,5	2,2	67,7	169,9
15	Coréia do Sul	0,8	74,3	1,5	69,3	229,7
16	Hong Kong	0,8	75,1	1,4	70,7	216,9
17	Egito	1,1	76,2	1,4	72,1	118,3
18	Portugal	0,8	77,0	1,3	73,4	185,5
19	Chile	0,6	77,7	1,3	74,7	250,5
20	Emirados Árabes Unidos	0,2	77,9	1,3	76,0	786,9
21	Nigéria	0,9	78,8	1,2	77,2	137,6
22	Índia	0,3	79,1	0,9	78,1	436,3
23	Canadá	1,2	80,3	0,9	79,0	28,2
24	Marrocos	0,8	81,0	0,9	79,9	106,9
25	Paraguai	0,9	81,9	0,8	80,6	53,2
26	Uruguai	0,5	82,5	0,7	81,4	132,2
27	Austrália	0,3	82,8	0,7	82,1	320,7
28	Noruega	0,4	83,2	0,7	82,8	215,6
29	Colômbia	0,5	83,7	0,6	83,4	98,1
30	México	0,8	84,5	0,6	84,0	42,6
	Outros	15,5	100,0	16,0	100,0	79,7
	Total	100,0	-	100,0	-	71,6

¹Participação do país no valor médio das exportações brasileiras no triênio, em porcentagem.

²Variação percentual entre as médias dos triênios 1990-92 e 2000-02.

Fonte: SECEX/MDIC (2003).

ras, contribuindo com 78,5% das divisas procedentes do setor, segue-se identificação dos vinte principais destinos, bem como considerações sobre os produtos componentes.

3.2.1 - NCM 12 - sementes e frutos oleaginosos

As exportações brasileiras dos produtos desse capítulo tiveram crescimento de 265,4% na última década, quase quatro vezes o crescimento do agregado dos produtos agrícolas contidos nos capítulos NCM 1 a 24 e NCM 50 a 53. Seu principal componente é a soja em grão, com participação de 98,7% do valor exportado.

Uma característica dos produtos desse capítulo é a elevada concentração do destino. No início da década de 1990, Holanda, Espanha e Japão absorviam 65,5% das vendas brasileiras

para o exterior. Dez anos depois o grau de concentração diminuiu, embora permaneça muito elevado¹⁵. Atualmente os três primeiros colocados são: Holanda (22,3%), China (21,2%) e Alemanha (9,9%), totalizando 53,4% do valor das exportações brasileiras (Tabela 4).

Embora na média de 2000-02 a Holanda ainda mantenha o primeiro lugar, com 22,3%, perdeu participação no mercado brasileiro. No início dos anos 90s importava 36,4% das exportações brasileiras de grãos e sementes oleaginosos.

¹⁵As tabelas por capítulo apresentam os vinte primeiros países no *ranking* dos importadores brasileiros. No caso de sementes e frutos oleaginosos, os vinte primeiros respondem por 97,6% das exportações, enquanto entre 1990-91, o percentual de participação era 99,3%. Acrescente-se que apenas oito países compravam 90,1%, sendo que a sete deles, todos pertencentes à União Européia, cabia 85% das exportações brasileiras.

TABELA 4 - Exportação de Sementes e Frutos Oleaginosos, Principais Destinos, Brasil, Triênios 1990-92 e 2000-02¹

Ordem	País	1990-92 ²		2000-02 ²		Variação ³
		Simple	Acumulada	Simple	Acumulada	
1	Holanda	36,4	36,4	22,3	22,3	124,0
2	China	-	36,4	21,2	43,5	-
3	Alemanha	6,1	42,5	9,9	53,4	491,4
4	Espanha	14,9	57,4	8,5	61,9	108,5
5	Japão	14,2	71,6	4,8	66,6	23,0
6	Portugal	1,2	72,8	4,7	71,3	1.285,7
7	Bélgica	6,9	79,7	4,0	75,3	113,1
8	Itália	6,4	86,1	3,8	79,2	118,4
9	Reino Unido	2,7	88,8	3,6	82,8	397,1
10	Noruega	0,8	89,6	3,2	86,0	1.288,5
11	França	2,6	92,2	2,6	88,6	278,6
12	Irã	-	92,2	2,5	91,2	-
13	Taiwan (Formosa)	0,0	92,2	1,3	92,4	163.245,3
14	Bolívia	0,0	92,2	1,1	93,5	55.721,1
15	México	0,4	92,6	1,1	94,6	974,3
16	Coréia do Sul	1,3	93,9	0,9	95,5	146,8
17	Marrocos	0,0	93,9	0,6	96,0	407.530,5
18	Tailândia	-	93,9	0,6	96,6	-
19	Venezuela	0,2	94,1	0,5	97,1	811,8
20	Grécia	0,0	94,1	0,4	97,6	2.936.420,7
	Outros	5,9	100,0	2,4	100,0	50,2
	Total	100,0	-	100,0	-	265,4

¹Capítulo NCM 12 - Inclui sementes de soja, amendoim, girassol, algodão, etc., mesmo trituradas.

²Participação do país no valor médio das exportações brasileiras no triênio, em porcentagem.

³Variação percentual entre as médias dos triênios 1990-92 e 2000-02.

Fonte: SECEX/MDIC (2003).

Desde 2002 a China passou a liderar as importações e é o grande destaque desse mercado. Veja-se que no início da década passada o Brasil não registrava exportação de sementes e frutos oleaginosos para esse país, mas sua evolução foi muito rápida¹⁶. Em 1996 alcançou a 15ª colocação, dois anos depois passou para a 3ª e em 2002 passou a ocupar o primeiro lugar como importador brasileiro, com participação de 26,9% do valor exportado. Os dados do SECEX/MDIC, até agosto de 2003, mantêm a China em 1º lugar, agora absorvendo 35% do valor exportado.

3.2.2 - NCM 23 - resíduos e desperdícios das indústrias alimentares

Os subprodutos deste capítulo são destinados à alimentação animal, sendo que farelo de soja é o mais destacado, com exportação

média de quase US\$2 bilhões entre 2000-2002 e representando 96% de seu valor total.

No início da década de 1990 os principais importadores de farelo de soja brasileiro eram Holanda (29,7%), França (17,4%), Itália (10,7%) e Espanha (10,3%), totalizando 68,2%. Cerca de dez anos depois, Holanda e França continuam liderando as importações desse produto com participação de 28,1% e 22,4%, respectivamente. Isso significa que somente esses dois países importam hoje mais da metade do farelo de soja exportado pelo Brasil, caracterizando aumento da concentração do comércio (Tabela 5).

Quando são considerados os vinte principais importadores de farelo de soja procedentes do Brasil, observa-se que o grau de concentração se manteve entre as médias de 1990-92 e 2000-02, isto é, vinte países absorveram pouco mais de 95% das exportações brasileiras nos dois períodos. No entanto houve expressivo rearranjo dessas exportações à medida que alguns países passaram a importar menos que no passado e outros tiveram grande incremento das importações, supe-

¹⁶Como o Brasil não exportava para a China no período 1990-92, não foi possível calcular o percentual de variação. O mesmo vale para Irã e Tailândia.

TABELA 5 - Exportação de Resíduos e Desperdícios das Indústrias Alimentares, Principais Destinos, Brasil, Triênios 1990-92 e 2000-02¹

Ordem	País	1990-92 ²		2000-02 ²		Variação ³
		Simplex	Acumulada	Simplex	Acumulada	
1	Holanda	29,7	29,7	28,1	28,1	15,3
2	França	17,4	47,2	22,4	50,5	56,6
3	Alemanha	5,6	52,8	5,6	56,1	20,8
4	Bélgica	4,4	57,2	5,1	61,2	41,5
5	Reino Unido	1,7	58,9	4,8	66,0	243,8
6	Itália	10,7	69,6	4,8	70,8	-45,3
7	Coréia do Sul	0,3	69,9	3,9	74,8	1.395,4
8	Espanha	10,3	80,2	3,6	78,4	-57,6
9	Tailândia	0,8	81,0	3,2	81,6	413,9
10	Arábia Saudita	0,1	81,1	2,2	83,8	4.530,3
11	Indonésia	0,1	81,2	1,8	85,6	1.803,6
12	Irlanda	0,7	81,9	1,6	87,2	182,0
13	Chile	0,1	81,9	1,4	88,6	1.826,9
14	Dinamarca	0,2	82,1	1,4	90,0	717,9
15	Hungria	6,2	88,3	1,2	91,2	-76,8
16	Romênia	0,3	88,6	1,0	92,2	291,8
17	Japão	0,7	89,3	0,9	93,1	69,0
18	Turquia	0,7	90,0	0,8	93,9	44,1
19	Coréia do Norte	-	90,0	0,8	94,7	-
20	Croácia	0,0	90,0	0,5	95,3	9.254,7
	Outros	10,0	100,0	4,7	100,0	-42,5
	Total	100,0	-	100,0	-	21,9

¹Capítulo NCM 23 - inclui farelo de soja e outros subprodutos da indústria alimentar destinados à alimentação animal.

²Participação do país no valor médio das exportações brasileiras no triênio, em porcentagem.

³Variação percentual entre as médias dos triênios 1990-92 e 2000-02.

Fonte: SECEX/MDIC (2003).

rando 1.000% em vários casos. Arábia Saudita, Croácia e Coréia do Norte são os casos mais destacados. Na última década o crescimento das importações dos dois primeiros foi de 4.530,3% e 9.254,7%, respectivamente. Quanto à Coréia do Norte o percentual nem pode ser calculado porque inexistiam exportações para esse país entre 1990-92, período base de comparação. Dez anos depois passou a absorver 0,8% das exportações brasileiras de farelo de soja e de outros resíduos da indústria alimentar empregados na alimentação animal.

3.2.3 - NCM 02 - carnes e miudezas comestíveis

A partir dos dados da SECEX/MDIC as mercadorias deste capítulo foram agregadas de forma a identificar a importância relativa de cada tipo de carne e respectivas miudezas comestíveis. Assim, o grupo da carne de frango constitui o componente mais destacado e, na média do

triênio 2000-02, contribuiu com 50% das divisas procedentes deste capítulo. Em segundo lugar, encontra-se o grupamento da carne bovina com contribuição de 31%, de carne suína com 15% e de carne de peru com 4%, totalizando 99% do valor total das exportações de carnes e miudezas comestíveis.

Também nesse caso o destino das exportações é bastante concentrado, embora apresente tendência à dispersão. No início da década passada, aos vinte primeiros colocados coube 97% e a apenas cinco países foram destinadas 59% das exportações brasileiras de carnes. São eles: Arábia Saudita (17,8%), Japão (13,3%), Alemanha (11,8%), Itália (8,8%) e Hong Kong (7,4%). Dez anos depois os vinte primeiros colocados adquiriram 89,1% das exportações, sendo que aos cinco maiores importadores couberam 48,3% (Tabela 6).

Acrescente-se que esses cinco países, que antes lideravam as importações de carne procedentes do Brasil, perderam importância relativa:

TABELA 6 - Exportação de Carnes e Miudezas Comestíveis, Principais Destinos, Brasil, Triênios 1990-92 e 2000-02¹

Ordem	País	1990-92 ²		2000-02 ²		Variação ³
		Simple	Acumulada	Simple	Acumulada	
1	Federação da Rússia	0,0	0,0	13,4	13,4	935.511,3
2	Arábia Saudita	17,8	17,8	10,2	23,6	100,3
3	Holanda	3,9	21,7	9,8	33,4	765,3
4	Alemanha	11,8	33,5	7,5	40,9	121,8
5	Japão	13,3	46,8	7,4	48,3	92,8
6	Hong Kong	7,4	54,2	7,2	55,5	236,9
7	Reino Unido	1,8	56,0	6,3	61,7	1.102,2
8	Itália	8,8	64,8	3,8	65,6	51,8
9	Chile	0,1	64,9	3,8	69,3	13.125,9
10	Espanha	5,1	70,0	3,3	72,7	124,1
11	Argentina	3,8	73,9	2,8	75,4	152,1
12	Emirados Árabes Unidos	2,8	76,6	2,1	77,6	168,8
13	Egito	0,2	76,8	2,0	79,6	3.284,4
14	Cingapura	1,2	78,0	1,9	81,5	456,0
15	Israel	2,7	80,7	1,7	83,3	122,3
16	Coveite	1,4	82,1	1,7	85,0	334,7
17	Iêmen	0,9	83,0	1,3	86,3	378,4
18	Irã	-	83,0	1,1	87,3	-
19	Angola	1,4	84,5	0,9	88,3	128,2
20	França	1,2	85,7	0,9	89,1	154,0
	Outros	14,3	100,0	10,9	100,0	261,6
	Total	100,0	-	100,0	-	247,7

¹Capítulo NCM 02 - inclui carnes e miudezas, frescas, congeladas, salgadas, defumadas, etc.

²Participação do País no valor médio das exportações brasileiras no triênio, em porcentagem.

³Variação Percentual entre as médias dos triênios 1990-92 E 2000-02

Fonte: SECEX/MDIC (2003).

de 59% das exportações brasileiras passaram a adquirir 36,2% nesse início de século. O destaque maior nesse mercado foi a República da Rússia, que no passado praticamente não comprava carnes no Brasil e passou a absorver 13,4% do total, ocupando o 1º lugar entre os importadores brasileiros desse produto.

A Holanda também passou a se constituir grande mercado para as exportações de carne brasileira. Há dez anos ocupava o 8º lugar, com participação de 3,9% do total, e atualmente passou para o 3º, importando 9,8%. As importações de carnes procedentes do Brasil cresceram 765,3% na década passada.

3.2.4 - NCM 17 - açúcares e produtos de confeitaria

A comparação entre as médias de 1990-92 e 2000-02 mostra que houve dispersão das exportações brasileiras de açúcar para novos mercados. No início da série, 55% das exporta-

ções brasileiras cabiam a apenas quatro países: EUA (21,8%), Nigéria (13,3%), Egito (10,3%) e Marrocos (9,6%). Dez anos depois, aos quatro maiores importadores coube 47,4% do total. Além disso, no passado, aos vinte maiores importadores cabiam 90,5% das exportações brasileiras. Na média de 2000-02 a participação dos vinte maiores caiu para 83,2% (Tabela 7).

A redistribuição da exportação fica mais evidente quando se observa a taxa de crescimento das importações de alguns países. A Rússia é um caso interessante. No início da década de 1990 ocupava o 28º lugar entre os importadores de açúcar brasileiro, com participação de 0,4% no total. No início da década seguinte passou ao 1º lugar (25,7%), devido ao crescimento de 21.544,7% de suas importações originárias do Brasil. No mesmo período os Emirados Árabes Unidos apresentaram crescimento das importações ainda mais exacerbado (44.114,2%). Com isso, da 57ª posição entre os importadores, passou a ocupar o 3º lugar.

Devido ao elevado protecionismo praticado na União Européia sobre o comércio de

TABELA 7 - Exportação de Açúcares e Produtos de Confeitaria, Principais Destinos, Brasil, Triênios 1990-92 e 2000-02¹

Ordem	País	1990-92 ²		2000-02 ²		Variação ³
		Simples	Acumulada	Simples	Acumulada	
1	Federação da Rússia	0,4	0,4	25,7	25,7	21.544,7
2	Nigéria	13,3	13,7	8,9	34,6	128,4
3	Emirados Árabes Unidos	0,1	13,7	7,0	41,6	44.114,2
4	Egito	10,3	24,1	5,8	47,4	91,4
5	Estados Unidos	21,8	45,8	4,1	51,5	-36,2
6	Marrocos	9,6	55,4	4,1	55,5	44,9
7	Irã	5,6	61,0	3,9	59,4	133,8
8	Canadá	0,4	61,4	3,4	62,8	3.034,3
9	Iêmen	2,7	64,1	3,1	65,8	282,2
10	Arábia Saudita	0,5	64,6	2,8	68,6	1.937,1
11	Romênia	0,6	65,2	2,7	71,3	1.486,2
12	Argélia	0,7	65,8	1,7	73,0	796,3
13	Malásia	0,1	66,0	1,6	74,6	3.573,4
14	Síria	0,9	66,9	1,4	76,0	418,7
15	Angola	2,5	69,4	1,4	77,4	89,8
16	Tunísia	1,8	71,1	1,3	78,7	152,5
17	Somália	0,2	71,3	1,3	80,0	2.286,0
18	Bulgária	1,1	72,4	1,1	81,1	243,2
19	Paquistão	0,0	72,5	1,1	82,2	17.589,7
20	Iraque	-	72,5	1,0	83,2	-
	Outros	27,5	100,0	16,8	100,0	108,0
	Total	100,0	-	100,0	-	240,9

¹Capítulo NCM 17 - inclui açúcar, lactose, maltose, glicose, frutose, xaropes, melaços, etc.

²Participação do país no valor médio das exportações brasileiras no triênio, em porcentagem.

³Variação percentual entre as médias dos triênios 1990-92 e 2000-02.

Fonte: SECEX/MDIC (2003).

açúcar, não se encontram países europeus na lista dos maiores importadores¹⁷. No triênio 2000-02 o maior importador europeu é o Reino Unido (0,2%) que aparece em 47º lugar. Bélgica (0,1%) é o seguinte, ocupando o 55º lugar entre os importadores de açúcar do Brasil.

3.2.5 - NCM 09 - café, chá, mate e especiarias

Deste capítulo 31 produtos registraram exportações entre 2000 e 2002. Do total de divisas conquistadas por este conjunto, 91,3% decorreram das exportações de café, sendo 91,0% do grão e somente 0,3% de seus cinco subprodutos. Pimenta *piper* seca ocupa o 2º lugar nesse capítulo, com participação de 4,3%. Em 4º lugar encontra-se o mate, com 1,8% do valor.

No passado os Estados Unidos eram

os maiores importadores de café brasileiro, adquirindo quase ¼ das exportações brasileiras. Como suas importações reduziram-se em 24,1% na década, perderam a 1ª posição para a Alemanha, cujas importações aumentaram em 103,5% e atualmente absorvem quase 20% das exportações brasileiras (Tabela 8).

A Itália é o 3º maior importador e praticamente manteve sua participação em torno de 10% das exportações brasileiras. O 4º lugar é ocupado pelo Japão que, na última década, de 7,1% das exportações passou a adquirir 8,2%.

Nesse mercado as mudanças de destino das exportações são bem menos expressivas que para os grupos de produtos mencionados anteriormente. Mais de 90% das exportações são destinadas a vinte países e as importações dos quatro primeiros colocados continuam representando mais da metade das exportações brasileiras. A maior novidade se deve à Eslovênia que praticamente não importava café brasileiro e, em uma década, passou a absorver 3,6% do total. O 2º destaque é a Síria, cujas importações aumentaram em 212% na última década.

¹⁷A União Européia impõe tarifas elevadas nas importações de açúcar de cana. Em 1998, por exemplo, eram aplicadas tarifas específicas sobre as exportações brasileiras, cujos equivalentes *ad valorem* perfaziam 135% a 167% (FONSECA, 1999).

TABELA 8 - Exportação de Café, Chá, Mate e Especiarias, Principais Destinos, Brasil, Triênios 1990-92 e 2000-02¹

Ordem	País	1990-92 ²		2000-02 ²		Variação ³
		Simple	Acumulada	Simple	Acumulada	
1	Alemanha	11,0	11,0	19,1	19,1	103,5
2	Estados Unidos	24,0	34,9	15,5	34,6	-24,1
3	Itália	9,9	44,8	9,8	44,4	16,8
4	Japão	7,1	51,9	8,2	52,6	35,3
5	Bélgica	3,7	55,6	4,6	57,2	47,9
6	França	4,2	59,7	3,9	61,2	10,9
7	Espanha	4,1	63,8	3,7	64,9	6,0
8	Eslovênia	0,0	63,8	3,6	68,5	43.476,6
9	Holanda	3,9	67,7	3,1	71,5	-8,0
10	Suécia	3,9	71,6	2,7	74,2	-19,0
11	Grécia	2,1	73,7	2,5	76,7	41,5
12	Argentina	2,0	75,7	2,3	79,1	35,6
13	Canadá	1,5	77,2	2,1	81,2	66,7
14	Dinamarca	2,1	79,3	1,9	83,0	3,0
15	Finlândia	1,6	80,9	1,9	84,9	38,5
16	Uruguai	1,6	82,5	1,6	86,5	19,6
17	Síria	0,5	83,0	1,4	87,9	212,0
18	Reino Unido	1,4	84,4	1,4	89,3	16,9
19	Líbano	1,0	85,4	1,1	90,4	32,0
20	Noruega	2,0	87,5	1,1	91,5	-35,7
	Outros	12,5	100,0	8,5	100,0	-21,0
	Total	100,0	-	100,0	-	17,3

¹Capítulo NCM 09 - café em grão, torrado ou descafeinado, chá, pimenta e outras especiarias.

²Participação do país no valor médio das exportações brasileiras no triênio, em porcentagem.

³Variação percentual entre as médias dos triênios 1990-92 e 2000-02.

Fonte: SECEX/MDIC (2003).

3.2.6 - NCM 20 - preparações de produtos hortícolas, de frutas, etc.

Desse grupo de produtos, 91,4% do valor das exportações provêm do suco de laranja¹⁸. No passado apenas três países absorviam cerca de 80% das exportações brasileiras dessas preparações. Os principais destinos dessas exportações eram: Estados Unidos (35,6%), Holanda (33,4%) e Bélgica (11,4%).

Esses países continuam na liderança das importações, mas trocaram de posição. Os Estados Unidos, antes maiores importadores brasileiros, passaram para o 3º lugar, com queda de 60,1% do valor de suas importações procedentes do Brasil. A Holanda passou a ocupar o 1º lugar, a despeito de redução de 14,3% no valor importado, enquanto a Bélgica ascendeu ao 2º lugar com crescimento de

124% em suas importações (Tabela 9).

No passado o Canadá era o 4º país importador de suco de laranja brasileiro, mas suas importações caíram em mais de 90%, resultando na 15ª colocação no *ranking* dos importadores. A Alemanha teve semelhante desempenho; contribuía com 2,4% das divisas procedentes desse grupo de produtos e passou a apenas 0,3%, resultado de redução de 90% do valor de suas importações. O Japão, ao contrário, expandiu suas compras em 103,1%, passando a ocupar o 4º lugar, correspondente a 7,9% das exportações brasileiras.

Os vinte maiores importadores absorvem 98% das exportações brasileiras e deles merece destaque especial o crescimento das importações chinesas que na última década ultrapassou 2.200%. No passado as importações da China eram insignificantes e no início do século XXI esse país passou a absorver 0,5% das exportações de suco e outras preparações de frutas e hortícolas brasileiras.

¹⁸A situação é bem semelhante à do início da década de 1990, quando a participação do suco de laranja neste grupo de produtos era de 92,7%.

TABELA 9 - Exportação de Preparações de Hortícolas, Frutas, etc., Principais Destinos, Brasil, Triênios 1990-92 e 2000-02¹

Ordem	País	1990-92 ²		2000-02 ²		Variação ³
		Simple	Acumulada	Simple	Acumulada	
1	Holanda	33,4	33,4	33,0	33,0	-14,3
2	Bélgica	11,4	44,8	29,5	62,5	124,0
3	Estados Unidos	35,6	80,4	16,4	78,9	-60,1
4	Japão	3,4	83,7	7,9	86,8	103,1
5	Coréia do Sul	2,9	86,6	2,2	89,0	-33,3
6	Argentina	0,7	87,3	1,8	90,8	125,8
7	Austrália	0,5	87,8	1,5	92,3	167,1
8	Porto Rico	0,5	88,3	1,1	93,4	96,9
9	Reino Unido	0,9	89,1	0,7	94,1	-28,0
10	Suíça	0,1	89,2	0,5	94,7	611,2
11	Paraguai	0,5	89,7	0,5	95,2	-9,4
12	China	0,0	89,7	0,5	95,7	2.205,9
13	Nova Zelândia	0,3	90,0	0,4	96,0	25,6
14	Uruguai	0,1	90,0	0,4	96,4	348,6
15	Canadá	3,8	93,8	0,4	96,8	-91,6
16	Chile	0,2	94,0	0,3	97,1	75,4
17	Alemanha	2,4	96,4	0,3	97,4	-90,1
18	Israel	0,3	96,7	0,3	97,6	-8,5
19	Taiwan (Formosa)	0,1	96,7	0,3	97,9	230,1
20	Espanha	0,3	97,1	0,2	98,1	-41,7
	Outros	2,9	100,0	1,9	100,0	-44,4
	Total	100,0	-	100,0	-	-13,4

¹Capítulo NCM 20 - extratos, sucos, essências, concentrados, molhos, caldos, sopas, sorvetes, etc.

²Participação do país no valor médio das exportações brasileiras no triênio, em porcentagem.

³Variação percentual entre as médias dos triênios 1990-92 e 2000-02.

Fonte: SECEX/MDIC (2003).

3.2.7 - NCM 24 - fumo e sucedâneos manufaturados

O Brasil é o segundo maior exportador de fumo do mundo, mas suas exportações limitam-se ao produto não-manufaturado. Menos de 3% do valor obtido com esse grupo de produtos provém de exportação de cigarros, charutos, cigarrilhas, etc.

A despeito de todas as campanhas contra o tabagismo, o comércio mundial de fumo teve crescimento de 36,6% na última década e isso significa que o Brasil perdeu *market-share*, dado que suas exportações registraram crescimento equivalente a pouco mais de 1/3 desse percentual¹⁹.

Os Estados Unidos mantêm-se como principal mercado brasileiro desse produto, embo-

ra tenha reduzido em 7,6% suas importações procedentes do Brasil. No passado o Reino Unido ocupava o 2º lugar entre os importadores, absorvendo 13,8% das exportações brasileiras de fumo. Como teve redução expressiva nas importações (-56,5%), entre 2000-02 passou para 6º lugar, com participação de 5,2% do total (Tabela 10).

Dentre os 20 maiores importadores de fumo procedentes do Brasil, o Reino Unido foi o que mais contraiu as importações (-56,5%). Como as importações totais de fumo por parte do Reino Unido tiveram redução de 21,8%, significa que as exportações brasileiras perderam competitividade nesse mercado. Aliás, o Brasil perdeu participação no comércio de fumo de toda a Europa. Pelos dados da FAO, a comparação das médias de 1990-92 e 1999-2001 mostra que as exportações brasileiras cresceram 13,3%, enquanto as importações européias cresceram 44,9%.

Quando se analisa separadamente a União Européia conclui-se que suas importações de fumo tiveram crescimento médio de 31,1%,

¹⁹Essas taxas de crescimento foram obtidas comparando-se a média de 1990-92 com a de 1999-2001 (FAOSTAT database, 2003).

TABELA 10 - Exportação de Fumo e Sucedâneos Manufaturados, Principais Destinos, Brasil, Triênios 1990-92 e 2000-02¹

Ordem	País	1990-92 ²		2000-02 ²		Variação ³
		Simple	Acumulada	Simple	Acumulada	
1	Estados Unidos	20,8	20,8	16,7	16,7	-7,6
2	Alemanha	11,9	32,7	12,2	28,9	18,9
3	Bélgica	12,1	44,7	6,4	35,4	-38,5
4	China	0,3	45,0	6,3	41,7	2.313,1
5	Japão	2,7	47,8	5,3	47,0	124,6
6	Reino Unido	13,8	61,6	5,2	52,2	-56,5
7	Federação da Rússia	0,0	61,6	4,2	56,4	14.710,1
8	Holanda	5,5	67,2	4,1	60,5	-14,0
9	Filipinas	1,4	68,6	3,1	63,5	148,4
10	México	1,7	70,3	1,9	65,5	28,1
11	Suíça	2,2	72,5	1,7	67,2	-9,0
12	Itália	2,0	74,5	1,7	68,9	-2,2
13	Polônia	1,1	75,6	1,6	70,5	64,6
14	França	1,6	77,2	1,6	72,1	14,4
15	África do Sul	1,2	78,5	1,6	73,7	48,2
16	Espanha	2,7	81,1	1,5	75,2	-35,2
17	Indonésia	0,4	81,5	1,4	76,6	302,1
18	Ucrânia	-	81,5	1,3	77,9	-
19	Coréia do Sul	-	81,5	1,2	79,1	-
20	Egito	0,5	82,0	1,1	80,2	150,0
	Outros	18,0	100,0	19,8	100,0	27,3
	Total	100,0	-	100,0	-	15,3

¹Capítulo NCM 24 - fumo em folha, cigarros, charutos, cigarrilhas e outros subprodutos do fumo.

²Participação do país no valor médio das exportações brasileiras no triênio, em porcentagem.

³Variação percentual entre as médias dos triênios 1990-92 e 2000-02.

Fonte: SECEX/MDIC (2003).

menor que a média do continente. No entanto, a maioria dos membros da União Européia, listados entre os vinte maiores importadores de fumo do Brasil, reduziu suas importações dessa origem. Apenas a Alemanha teve ligeiro aumento de participação no mercado brasileiro, com importações crescendo 18,9%. No entanto, mais uma vez, não significa melhora da posição competitiva brasileira dado que o total de suas importações de fumo aumentou em 36,9% na década.

Em contrapartida, o Brasil conquistou grandes mercados na Ásia, continente que teve crescimento de 42% nas importações de fumo. O maior destaque é a conquista brasileira dos mercados da Rússia e China para onde as exportações brasileiras tiveram crescimento de 14.710% e 2.313%, respectivamente. No passado esses países praticamente não compravam fumo do Brasil, mas nesse início do século a China passou ao 4º lugar com 6,3% e Rússia ao 7º, comprando 4,2%. O Japão também é

importante comprador do fumo brasileiro e, na última década, expandiu suas importações em 124,6%, resultando em participação de 5,3% no total.

4 - CONCLUSÕES

A agricultura vem perdendo importância relativa nas trocas internacionais. Contribuiu com 9,6% do valor do comércio global no começo da década de 1990 e passou a 7,0% no começo da seguinte. Nesse período, no Brasil as exportações agrícolas tiveram crescimento pouco menor que o total, 71,6% e 75,7%, respectivamente. Assim, o setor praticamente manteve sua participação em torno de 26% do valor total exportado. Quanto às importações, o crescimento do valor total equivale ao dobro do da agricultura, logo, o melhor desempenho do setor no comércio se deve mais ao menor crescimento das importa-

ções que ao avanço das exportações brasileiras²⁰.

Nos dias atuais, o País atravessa uma etapa de vulnerabilidade, sendo que parte dela deve-se a mudanças no cenário internacional, bem como à evolução desfavorável do comércio exterior brasileiro. Como a reversão desse quadro passa pela conquista de saldos comerciais positivos e crescentes e a agricultura é o setor que apresenta maiores vantagens comparativas, este trabalho buscou apresentar as exportações agrícolas brasileiras a partir do início da década passada, com ênfase nas mudanças de destino dos principais produtos exportados.

Inicialmente destaque-se que as exportações são bastante concentradas e praticamente não houve mudanças nesse sentido. Ainda hoje, os cinco grupos de produtos agrícolas com maior participação nas exportações contribuem com mais de 60% do valor, embora tenham trocado de posição ao longo do tempo. Em segundo lugar, nos últimos anos a exportação de produtos *in natura* passou a crescer mais que a dos produtos processados. Essa tendência foi observada para vários produtos, porém o caso da soja é o mais destacado. No começo da década de 1990, farelo de soja era o primeiro colocado na pauta de exportação brasileira, mas a partir de 1998 passou a ocupar 3º ou 4º lugares. Em contrapartida o grão de soja teve o valor de suas exportações triplicado na última década e neste início do século 21 passou a primeiro colocado na pauta²¹.

Na última década o comércio mundial cresceu à taxa de 6% a.a., mas os países menos desenvolvidos foram os que mais contribuíram para esse crescimento. Excluindo-se os membros da OCDE, os demais países apresentaram expansão anual de 8% nas exportações totais, contra 6,8% nas importações. Essas mudanças tiveram impacto sobre os destinos das exportações agrícolas brasileiras. No passado os principais importadores de bens agrícolas do Brasil eram países desenvolvidos que, embora conti-

nem liderando as importações devido à sua maior capacidade econômica, vêm perdendo importância relativa. O caso mais extremo é o dos Estados Unidos, único que apresentou redução das importações em valor absoluto (-20,7%). Holanda, Japão, Itália, França, Bélgica, Espanha, Reino Unido e Canadá tiveram queda em termos relativos: no passado constituíam destino de 46% das exportações brasileiras e atualmente sua participação caiu para 37%.

A redução das exportações para os países mais desenvolvidos vem sendo compensada pela conquista dos mercados emergentes. Os países onde o Brasil teve maior sucesso de vendas são, pela ordem de crescimento das exportações agrícolas: Rússia, Emirados Árabes, China, Índia e Austrália. Desses, a Austrália é o caso de menor crescimento, mas comparando as médias de 1990-92 e 2000-2002, as exportações para esse país foram multiplicadas por 4,2. Em conjunto esses países absorviam 1,8% das exportações agrícolas brasileiras e passaram a absorver 13,1%.

Merecem destaque Rússia e China, que no passado pouco compravam produtos agrícolas do Brasil e foram promovidos, respectivamente, para 4º e 6º lugares entre os maiores importadores. O caso da Rússia é muito interessante. Desde 1997 vem ocupando o 1º lugar entre os importadores de açúcar do Brasil e desde 2002 assumiu a liderança nas importações de carnes. Também passou a ser importante comprador de fumo, ocupando atualmente a 6ª colocação.

O crescimento da importância da China como importador deveu-se principalmente às suas compras de soja em grão. Desde 2002 este país assumiu a liderança nas importações desse produto e atualmente sua participação é de 35% das receitas. A China é também importante comprador de fumo do Brasil, ocupando o 4º lugar e contribuindo com 6,3% das divisas conseguidas com esse produto.

Pode-se concluir que a agricultura manteve sua participação no total das exportações brasileiras, enquanto a importância relativa do setor decaiu no comércio mundial. Isso só foi possível devido à conquista dos mercados dos países emergentes, uma vez que os países mais desenvolvidos, tradicionais importadores de produtos agrícolas brasileiros, vêm mantendo forte esquema protecionista e inibindo o avanço das exportações.

²⁰Vale lembrar que o total das importações brasileiras teve crescimento de 10,8% a.a. na década de 1990 e as importações agrícolas cresceram 5,1% a.a. (FAOSTAT database, 2003).

²¹De 2000 a agosto de 2003, soja em grão manteve o primeiro lugar na pauta de exportação brasileira, com exceção de 2001, quando os aviões ocuparam o 1º lugar (SECEX/MDIC, 2003).

LITERATURA CITADA

CARVALHO, M. A.; VICENTE, J. R.; SILVA, C. R. L. Comércio agrícola e o desenvolvimento econômico brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL, 41., Juiz de Fora, MG, 2003. **Anais...** CD.

CRANFIELD, J. A. L. et al. Changes in the structure of global food demand. **American Journal of Agricultural Economics**, Ames, Iowa, v. 80, n. 5, p. 1042-51, 1998.

FAOSTAT database. Disponível em: <<http://apps.fao.org/subscriber>>. Acesso em: ago. 2003.

FONSECA, R. (Coord.). **Barreiras externas às exportações brasileiras, 1999**. Rio de Janeiro: FUNCEX, out. 1999. (Texto para discussão, n. 146).

IPEADATA. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br>>. Acesso em: ago. 2003.

PINSTRUP-ANDERSEN, P.; PANDYA-LORCH, R.I.; ROSEGRANT, M. W. **World food prospects**: critical issues for the early twenty-first century. Disponível em: <<http://www.cgiar.org/ifpri/index1.htm>>. Acesso em: 25 mar. 2000.

SECEX/MDIC. Sistema de Análise das Informações de Comércio Exterior (ALICE). Disponível em: <<http://alicesweb.desenvolvimento.gov.br>>. Acesso em maio/jul. 2003.

DESTINO DAS EXPORTAÇÕES AGRÍCOLAS BRASILEIRAS

RESUMO: *Este trabalho apresenta a evolução e o destino das exportações agrícolas brasileiras no período 1990 a 2002 por grupo de produtos. Os resultados mostram que a agricultura manteve sua participação nas exportações brasileiras, mas no comércio mundial o setor perdeu importância relativa. As exportações agrícolas brasileiras mostram continuidade da concentração em poucos produtos, maior crescimento das exportações de produtos in natura e tendência de direcionamento para países emergentes.*

Palavras-chave: *agricultura, exportação, comércio exterior.*

DESTINATION OF BRAZILIAN AGRICULTURAL EXPORTS

ABSTRACT: *This paper presents the Brazilian agricultural exports evolution and destination during 1990 and 2002 by product groups. It shows that although Brazilian agriculture maintained its export market share, the sector experienced a decline in the relative importance in world trade. Exports of agricultural products in natura showed larger growth rates than those of manufactured products. Regarding destination, Brazilian agricultural exports converged to emerging countries and continued to show a concentration on few products.*

Key-words: *agriculture, export, international trade.*

Recebido em 24/11/2003. Liberado para publicação em 29/12/2003.